

O conceito de “ser mais” em Paulo Freire e a relação professor-aluno¹

¹Marcos Aurélio Trindade 2

Resumo

Este artigo tem como objetivo aprofundar o conceito freireano de “ser mais” na perspectiva da relação professor-aluno. Discorre sobre a educação segundo Paulo Freire e aborda os fundamentos sobre a “desigualdade social” e a ‘opressão’ presentes na concepção absolutista de conhecimento que impactam o relacionamento entre professor e aluno. Propõe estimular a humanização da educação com foco na relação amorosa do “ser mais”.

Palavras chave: Paulo Freire; Educação; Opressão; Humanização; Ser Mais.

Introdução

Este artigo é fruto direto do Trabalho de Conclusão do Curso de Filosofia, que buscou investigar as bases da Filosofia da Educação em Paulo Freire e seu comprometimento com a educação humanizada. Propõe discutir a relação entre professor e aluno e o envolvimento de ambos na educação atual, evocando o “ser mais” para sanar os problemas da educação desumanizada a partir da crítica a “educação bancária”, que é vista como simples depositária de conteúdos.

Paulo Freire (1921 - 1997) é conhecido por escrever inúmeras obras na Educação que destacam a humanização – a chamada Pedagogia crítica, que proclama uma luta social pelos oprimidos e desvalidos da sociedade. Ele é o patrono da Educação brasileira, que tinha o objetivo de propagar um ideal, que embora seja muito criticado e acusado de subversivo, representou uma luta por um mundo de igualdade e justiça.

Marcotti (2012, p. 12) o refere como “um dos pensadores mais notáveis da história da Pedagogia [...]” cujo pensamento “fundamentava-se na

1 Artigo realizado com a orientação da Profa. Dra. Cleusa Sakamoto com base no Trabalho de Conclusão de Curso de Filosofia – Licenciatura sob orientação do Prof. Ms. Giovanni Vella.

²Graduado em Filosofia pela Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação - FAPCOM. Email para contato: marcos.trindade2014@gmail.com.

credibilidade de que o educando faria ele próprio o caminho, e não seguindo um já previamente construído”.

Freire (1988) escreveu inúmeras obras dentre elas: “Pedagogia do oprimido”, que tinha como objetivo, criticar o autoritarismo educacional nas escolas com o foco na relação entre professor e aluno. Naquela época, não se anunciava uma teoria e uma prática humanizantes. O livro que busca transcender a Educação desumanizada expõe o professor autoritário com o aluno oprimido ao amor inacabado, na perspectiva de um progresso e desenvolvimento de ambos.

O remédio segundo o autor, para uma Educação que só vivia à base de conteúdos e que inibia a capacidade criativa do educador com o educando e vice e versa, estava no “ser mais”. Este termo é utilizado por Freire (2010) como vocação ontológica do ser humano, ou seja, significa para o professor e aluno, a necessidade de potencializar a amorosidade enquanto prática educacional. Amorosidade significa a prática do amor na relação professor e aluno e o comprometimento com a essência de cada um. Essa prática na Educação levaria à consciência de ambos, como pessoas mais amáveis e menos opressoras.

Na época em que a Educação opressora era persistente, ainda que o seja até hoje em certa medida, existia uma absolutização do conhecimento; o sujeito professor era um ator social sem relação com o aluno, implicado na imposição de conhecimentos que valorizava o avanço cognitivo na Educação. Nesta época, Freire (2001, p. 11) chama a atenção para uma visão política e o papel do poder que distorce o sentido da Educação e a “vocação para o ser mais”.

A Educação para Freire (1988) tem que evocar a liberdade, isto é, o livre debate e não a imposição de conhecimentos. Demonstrar a ideologia de cada argumento filosófico, sem vínculo de doutrinação e deixar que a base teórica seja motivo de investigação do próprio aluno para que possa recorrer ao educador para auxiliá-lo, deveria ser o cotidiano da prática educativa.

Apesar de ter sido preso e exilado, os esforços do eminente educador para construir uma educação justa, solidária e digna não foram em vão. Sua coragem de um educador humilde foram atitudes essenciais para combater a soberba no ensino e o aprendizado da época. O menino que nasceu de família

humilde viu que a riqueza estava nos estudos, esforçou-se para abordar as injustiças sociais no país, marcada por uma luta de interesses protagonizada pela burguesia. Neste sentido, a mentalidade freireana entende que a Educação é um ato de transformação com base na competência, com vistas a um conhecimento progressivo e inacabado. Uma vez colocados no mundo, somos chamados a desfrutar dele – conhecendo, criando e transformando.

No discorrer do artigo será abordado de primeiro assunto, a relação do professor e aluno na perspectiva “hegeliana” apoiada na dialética “senhor e escravo”. Posteriormente buscar-se-á o entendimento da perspectiva de como Paulo Freire percebia a educação bancária, que se mantém voltada para um viés de pura alienação que impede a livre consciência. As reflexões apresentadas culminam com a discussão do conceito de “ser mais” que amplia as fronteiras do vínculo entre professor e aluno e o aprendizado constituído nas situações de ensino.

Educação bancária e a dialética hegeliana

A Educação bancária é aquela que é o oposto da Educação libertadora de Paulo Freire; é vista como a pura alienação, embasada meramente em assuntos conteudistas dados em sala de aula. Nela, o aluno é tido como um arquivo vazio, sem conhecimento e na medida em que o professor aplica conteúdo, o aluno vai enchendo sua memória sem o ato de reflexão. A memória do aluno se preenche de informação como um depósito de materiais, destituído dos processos de transformação livre e autônoma da construção da consciência. A concepção de Educação bancária atende um grupo marcado pela opressão e desvalida, da essência do aluno. Este tipo de Educação é fomentada por circunstâncias que deterioram o aprendizado. Segundo Silva (2015, p. 137): “[...] desigualdades sociais são maximizadas, pois atende o interesse da classe dominante”.

Esta proposta de Educação não atende a demanda da sociedade. Uma Educação que despota o investimento educacional, que torna o conhecimento exclusividade de alguns, que não dá espaço para a interação, que inibe a criatividade do educador com o educando, é sem sombras de dúvidas, uma Educação transgressora. Paulo Freire (1988, p. 68) explica o

conceito de Educação bancária mencionando que em suas premissas: “o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados”. Nesta perspectiva, o processo de alienação vai acontecendo por este viés de ação, enquanto a prática educativa na relação professor e aluno esvazia-se de sentido humano.

A realidade se dá a mim na “relação dialética” entre objetividade e subjetividade. Fora desta compreensão e deste respeito à sabedoria popular, à maneira como os grupos populares se compreendem em suas relações com o seu mundo, a minha pesquisa só tem sentido se a minha opção política é pela dominação e não pela libertação dos grupos e das classes sociais oprimidas. (FREIRE, 1999, p.35)

A interação empobrecedora na Educação bancária devido seu ato opressor, impede o processo de percepção e entendimento genuíno do indivíduo, que gera reflexão.

Sobre a problemática da dialética, Hegel Georg Wilhelm Friedrich (1770-1831), foi um teórico acerca da visão de opressor e opressão e, nessa perspectiva, percebemos que ele tinha como base o dueto “senhor escravo”. Para Hegel (1992, p. 131):

O que o escravo faz é justamente o agir do senhor, para o qual somente é o ser-para-si, a essência: ele é a pura potência negativa para a qual a coisa é nada, e é também o puro agir essencial nessa relação.

O senhor não busca a identidade do escravo na proposta de potencializá-lo para liberdade, mas sim ele faz o contrário, que é a inibição da essência do escravo de se tornar livre consciente de si mesmo, e, ser consciente dependente do senhor. Segundo Menezes (1985, p. 55),

No agir do escravo não existe essência, pois se trata de pura negação, porque o senhor não reconhece seu escravo, é só o escravo que reconhece o seu senhor. Este é consciência-de-si independente, enquanto o escravo é a consciência reprimida para dentro si.

Neste sentido, Paulo Freire (1988), faz uma relação do senhor e escravo transpondo-o para a relação professor e aluno. Critica o processo de absolutização, em que os alunos são hospedeiros do professor e na medida em que são hospedeiros é inadmissível o processo de libertação. “O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” o opressor em

si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia da libertação” (FREIRE, 1988, p. 35).

Um dos grandes problemas que essa Educação bancária incita, é de como um aluno, poderá desenvolver sua criatividade, com amor, e, sem dificuldades no aprendizado. A Educação opressora não busca a essência do aluno junto com professor, ela despotencializa o aprender e enaltece a exclusão, existe nela um rompimento com os indivíduos, que sofrem de problemas cognitivos de aprendizagem. Essa Educação inibe a criatividade e não compreende grandes “gênios”, por exemplo, não reconheceriam alunos que viriam a se tornar futuramente célebres, como: Albert Einstein, Niels Borh, Thomas Edison etc. A Educação bancária disseminada na sociedade continua a inibir a criatividade de muitos alunos. É preciso pensar em como reeducar os professores e educandos na atualidade.

Como transformar a Educação bancária pelo “ser mais”

Conforme segue o processo de buscar soluções para inibir a prática desumanizada nas instituições de ensino, o filósofo educador aponta o conceito de “ser mais”, que tem como objetivo tanto ao professor quanto ao aluno, que se formem em união e partam para a ação consciente de se libertarem da opressão. Assim, o ser humano aplica a não comodidade estática e evoca aquilo que intrinsecamente nato no indivíduo humano, desperta a sua vocação ontológica. O “ser mais” é a vontade dotada de potência que os educandos e os educadores devem procurar em atitudes, para fazer emergir uma Educação digna, amorosa e consciente.

Autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade. (FREIRE, 2010, p. 107)

As práticas que o “ser mais” evoca tanto no professor, quanto no educando, um processo de reeducação constante. Esse processo se dá na luta pelo desvelar amoroso na prática educativa, conscientizando jovens e tendo o professor consciente de sua função; esses jovens alcançam a consciência do benefício educacional. A visão dessa ação é despertar a ambos para a

essência coletiva da Educação e, juntos, buscarem soluções para excluir a deterioração vigente realizada na escola e sua formação. Para que esse benefício ocorra, exige investimento financeiro elevado, qualificação e preparação de professores para melhorar a dinâmica escolar, também salários dignos e um número de alunos em sala de aula que não seja excessivo para os objetivos institucionais escolares. Também é importante possibilitar dentro das salas de aulas que sejam estruturados ambientes criativos, dinâmicos com espaços climatizados.

Todos esses passos fazem parte da construção que o educador faz a partir da interpretação da sua leitura do mundo com o aluno. O “ser mais” incita neles o ato, a força, a coragem de se potencializarem enquanto indivíduos. “Faz-se necessário a criação de espaços de ação-reflexão, reflexão-ação que propiciem que o “*ser mais*” se emancipe, pois este, está inscrito na natureza dos seres humanos” (FREIRE, 2010, p. 75).

O movimento para o “ser mais” parte também, da democracia, enquanto estrutura política, que emana do povo. A sociedade em si, unida pela Educação na perspectiva humana, propicia a prática da reflexão e leva à consciência de seus direitos.

O indivíduo quando vai libertando sua consciência da opressão social pode modificar sua compreensão do mundo e de si. Reinventar o “ser mais”, na atualidade social a qual a nação enfrenta, como por exemplo, no cenário da administração política, pode representar mudanças para a realidade pessoal. Esses processos da opressão consciente inibem o “ser mais”, quando não ocorre o processo de transformação nos processos metodológicos, que além de reeducar o professor e aluno, reeducam também a sociedade em si. Streck e Zitzoski (2010, p. 369) afirmam que o conceito freireano significa “*ser mais* como desafio da libertação dos/as oprimidos/as como busca de humanização, em que a natureza humana é programada para ser mais, porém não determinada por estruturas ou princípios inatos”.

Confiar em si enquanto potência de transformação e acreditar no poder do inacabamento do conhecimento para fomentá-los, são as raízes do poder da ação e da criatividade.

Os sentimentos e princípios do indivíduo devem ser adquiridos a partir da vivência com o mundo e seus entraves, solucionando problemas do mundo

para realização do novo e do belo. Ter fé em si próprio, enquanto professor e aluno é amadurecimento e gera outro poder, o de crer na sua vocação. Neste sentido, o filósofo da Educação entende que, “Fé na vocação de *ser mais*, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens.” (FREIRE, 1988, p. 93-94).

A ação para o “ser mais” é a retomada de consciência do professor e aluno que estão libertas e potencializadas e com direções, dotadas de uma intencionalidade. Vale dizer que “Essa atitude é possível em virtude da intencionalidade da consciência” (SAVIANI, 2008, p. 184).

A relação do homem com o mundo e nesse caso, do professor e aluno, se fundamenta na percepção que se tem a intenção do direcionamento a algo e esse algo é a luta pela Educação, pelo direito à Educação. Pois o sujeito humano toma parte da realidade ao seu redor, ele faz uma experiência do mundo lendo o mundo, interpretando, problematizando, conscientizando e perguntando o porquê que os eventos ocorrem. “Aqui está de forma clara o princípio da intencionalidade – a consciência é sempre consciência de alguma coisa. Não há consciência pura de um lado e objetos de outro” (ZANELLA, 2007, p. 8).

As experiências vão moldando o aparato humano cognitivo e as torna intencionalidade para as suas atividades diárias. Nesse sentido cabe perceber que o papel do educador, com seu aluno e para o mundo, é, problematizar e incentivar o processo investigativo científico. “O entendimento sobre a realidade traz a compreensão do mundo, de como se dá a relação entre liberdade e dominação”, segundo Freire (1999, p. 35). Para o autor,

A conscientização é, neste sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se “desvela” a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em “estar frente à realidade” assumindo uma posição falsamente intelectual. (FREIRE, 1979, p. 15).

A conscientização é produto de conhecimento e produtora de conhecimento, isto é, pode tornar o indivíduo dotado de poder intelectual na perspectiva de que a Pedagogia crítica exige renovação, criatividade, inacabamento do saber e conscientização do educador e educando, de que seu conhecimento é ilimitado. E, através desse processo, a visão do futuro vai

se expandido possibilitando que os seres se apresentem mais conscientes e, mediante a transformação amorosa a Educação do futuro ocorre.

A transformação da Educação para o futuro – reflexões finais

O processo de transformação no mundo educacional necessita da determinação social enquanto prática consciente para fazer o novo surgir, que ao mesmo tempo, é indeterminado. O novo se vincula ao avivamento da potencialidade de uma vida melhor. “Mas, a transformação é a busca por um novo mundo” (FREIRE, 2010, p. 80), o que todos nós queremos viver em um mundo, em que não precisemos viver marcados pela opressão da violência, do desprezo, da soberba e do abandono.

Este trabalho na sociedade está vinculado com a necessidade da Educação que edifica a estrutura consciente do ser humano e seu futuro. A estrutura educacional deve atender a demanda de toda sociedade, para ricos e pobres, tanto do nível médio como superior. É dever do Estado sendo uma nação, se preocupar com as desigualdades sociais. Deve apoiar acima de tudo, o desvelar do poder de autodeterminação dos indivíduos que pretendem beneficiar a estruturação de um mundo justo.

Estes são fundamentos da transformação que ajudará a Educação e irá moldar o mundo e todas as coisas inseridas neles. O educador com o educando devem fazer o processo de interação, despertar em ambos a potencialidade do conhecimento. Neste sentido, devem evocar a autonomia de consciência e incentivá-los a não se tornarem “massas de manobras” pela imposição de outros. As metodologias que incentivam essas práticas são: a pergunta, o diálogo, a dinâmica cotidiana, a relação humana, a vivência real com o mundo e com as pessoas.

A escola do futuro deve solucionar problemas para que o educando oprimido não se torne o professor opressor no futuro, e sempre revalorizar a criatividade de cada um do par. A Educação deve ser aperfeiçoada a cada momento, deve ser reinventada e inibir um ensino cansativo, uma sala super lotada de alunos; deve criar vínculos pedagógicos que potencializem os professores a trabalhar com o aluno e vice versa.

Para que as condições concretas que limitam a autonomia sejam transformadas, é preciso reinventar o mundo de hoje e a educação é indispensável nessa reinvenção. Essa reinvenção do mundo exige comprometimento. Da mesma forma que não é possível entrar na chuva sem se molhar, não é possível educar sem revelar a própria maneira de ser, de pensar politicamente. Por isso a importância da coerência entre o que se diz e o que se faz (ZATTI, 2007, p. 63).

A falta de comprometimento do professor, hoje, devido à desvalorização de seu papel social pelo Estado, que ocorre com a transgressão política, por culpa da “crise de valores”, é fomentada pela acomodação do povo que gera uma situação estarrecedora. Esses são grandes fatores que transgridem a Educação futura, pois é quando o professor é tratado como um “nada”, ao invés de um “ser mais” – encontra-se submisso a um poder que só oprime e desvaloriza.

Deve ser feita a revalorização dos professores de modo urgente e, assim, os professores serão impulsionados a revalorarem suas metodologias em sala de aula.

Um dos piores discursos que escutamos no cotidiano é. Exemplo: “Um bom professor tem que exercer essa profissão por amor”. E sem se preocupar com a vida prática ou com a valorização de seu salário, sem buscar exaltar sua profissão. Essa poluição discursiva e ilusória inscreve na mente da ‘massa’, uma interpretação de consonância com os interesses dos poderosos de classes privilegiadas. A falta de ética no contexto social, pode estimular a promiscuidade na Educação; acima de tudo, a genuína transformação social exige esforço consciente deliberado e retomada de valores ao lado do reconhecimento do papel social do educador.

A crítica que o filósofo e pedagogo Paulo Freire (1988) apresenta sobre a Educação bancária, com vistas à relação de professor e aluno para a melhoria da estrutura educacional corrobora com os argumentos de humanização para uma Educação em que a consciência que o indivíduo tem deve ser dirigida em potencializar seu “ser mais” como sua vocação.

Paulo Freire (1988) traz luz ao conhecimento daquilo que está obscuro na estrutura educacional e enaltece a capacidade intelectual do indivíduo humano como potência que deve ser valorizada e desenvolvida. O autor necessita ser adequadamente interpretado em sua proposta, de que a relação

professor e aluno deve ser reinventada, a cada dia, como possibilidade de romper desigualdades sociais, rompendo as barreiras da estrutura econômica que se faz presente na situação educacional. Entendemos o pensador que é Paulo Freire, em seus conceitos estruturadores: “Como um plantador do futuro, ele sempre será lembrado porque nos deixou raízes, asas e sonhos com herança.” (GADOTTI, 2001, p. 41). Frente à grande obra que é a Educação, concordamos com Gadotti (2001, p. 41), quando afirma que “Como criador de espíritos, a melhor maneira de homenageá-lo é reinventá-lo” – ideia que inspira ampliações a seu pensamento de valorização ao ser humano e as relações sociais.

Referências

FREIRE, Paulo; FREIRE, Ana Maria (org). **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

_____. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

_____. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 42ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

_____. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. **Conscientização**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979 .

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito**. Tradução de Paulo Meneses e Karl-Heinz Effen. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

MARCOTTI, Carla Melissa T. **Estudos iniciais sobre as proposições de Paulo Freire**. Maringá: UEM, 2012

MENESES, Paulo. **Para ler a fenomenologia do espírito**. São Paulo: Loyola, 1985

STRECK, Danilo, R. e ZITKOSKI, Jaime, J. (Org). **Dicionário Paulo Freire**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **A Pedagogia no Brasil: história e teoria**. Campinas: Autores Associados, 2008.

ZANELLA, José Luiz. Considerações sobre a filosofia da educação de Paulo Freire e o Marxismo. **QUAESTIO - Revista de Estudos de Educação**, Sorocaba, SP, v. 9, n. 1, p. 101-122, 2007.

ZATTI, Vicente. **Autonomia e educação em Immanuel Kant e Paulo Freire**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2007.